



Evento: XXX Jornada de Pesquisa ▾

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NA FORMA DE SITUAÇÕES DE ESTUDO¹

Alexa Fagundes dos Santos², Ivo dos Santos Canabarro³, Vidica Bianchi⁴

¹ Escrita produzida a partir de atividades desenvolvidas no componente curricular “Alternativas curriculares emancipatórias nas diferentes áreas de saberes: reflexões epistemológicas” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Bolsista CAPES, mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ).

³ Dr. em História (UFF).

⁴ Dra. em Ecologia (UFRGS).

INTRODUÇÃO

A educação sexual no Ensino Médio tornou-se urgente diante dos altos índices de gravidez adolescente — 8% das meninas brasileiras entre 13-17 anos (PeNSE, 2019 *apud* Brasil, 2024) — e da queda no uso de preservativos. Esses problemas, somados aos 9,6% de óbitos maternos entre adolescentes (Brasil, 2024), revelam desigualdades estruturais que exigem intervenção escolar. A Organização Mundial da Saúde (OMS)¹ (WHO, 2023) destaca que educação sexual precoce e qualificada reduz vulnerabilidades ao abordar consentimento e direitos reprodutivos.

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) orienta abordagens integrais, prevendo que os alunos “analisem vulnerabilidades vinculadas às vivências juvenis” (EM13CNT207)² e “desnaturalizem formas de desigualdade” (EM13CHS502). Entretanto, como mostra Louro (2000), a prática ainda se limita à prevenção de ISTs, ignorando diversidade sexual e relações de gênero. Essa lacuna demanda metodologias como a Situação de Estudo (SE), que articula ciência e debates críticos sobre direitos humanos.

Assim, o presente estudo propõe a elaboração de uma SE para desenvolver o currículo de forma a integrar os conteúdos da biologia, da sociologia e da psicologia com foco na educação sexual.

¹ OMS (Organização Mundial da Saúde), em inglês *WHO (World Health Organization)*. As referências bibliográficas deste trabalho mantêm a sigla original (WHO) para documentos publicados em inglês.

² Os códigos citados referem-se às habilidades específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio. A nomenclatura segue o padrão oficial: as letras iniciais indicam a etapa (EM = Ensino Médio) e os números subsequentes identificam componentes curriculares e habilidades específicas.



METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa, fundamentada na análise documental da BNCC e revisão bibliográfica, propõe uma SE para educação sexual no Ensino Médio, seguindo três etapas articuladas (GIPEC-UNIJUÍ, 2002):

1. Problemática: Roda de conversa intermediada pelo professor, com questões como “Por que falar de sexualidade na escola?” e “Como a violência de gênero afeta nossa comunidade?”. Além disso, recursos como o documentário “O Silêncio dos Homens” (Papodehomem; Instituto PDH, 2019) e reportagens sobre LGBTQIA+fobia, para mapear conhecimentos espontâneos e dúvidas dos alunos.

2. Complexificação: Pesquisa interdisciplinar integrando Biologia (ISTs, saúde reprodutiva, baseados na BNCC, 2018), Sociologia (construção social do gênero, baseado em Louro, 2000) e Psicologia (desenvolvimento psicossocial de Erikson, 1976), com mediação docente na ZDP (Vygotsky, 2001). Como atividade, propõe-se a produção de infográficos temáticos em grupos.

3. Sistematização: Produção de guias, podcasts ou seminários temáticos, avaliados de forma processual (Schön, 2000), valorizando participação ativa e reflexão crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento do currículo no formato de SE em educação sexual no Ensino Médio tem como principal impacto esperado o desenvolvimento de competências que transcendem a mera transmissão de informações biológicas. Conforme destacado pelo *Joint United Nations Programme on HIV/AIDS*³ (UNAIDS, 2024), a educação sexual abrangente (comprehensive sexuality education) fortalece habilidades de pensamento crítico e cidadania responsável, capacitando os jovens a tomar decisões conscientes sobre sua saúde sexual e relações interpessoais. Essa perspectiva alinha-se perfeitamente à proposta da SE, que visa justamente superar abordagens fragmentadas por meio de um processo de problematização, complexificação e sistematização de conhecimentos.

Os **resultados esperados** incluem:

³ *Joint United Nations Programme on HIV/AIDS* (UNAIDS) é o programa das Nações Unidas criado em 1996 para coordenar a resposta global à epidemia de HIV/AIDS, reunindo esforços de 11 agências da ONU.



1. Desconstrução de mitos sobre sexualidade, como a falsa ideia de que “orientação sexual é uma escolha” — tema que será trabalhado por meio de debates fundamentados na concepção de sexualidade como construção social (Weeks, 2023). A intermediação docente, na perspectiva vygotskyana (2001), será crucial para ajudar os estudantes a diferenciar conhecimentos científicos de senso comum.

2. Desenvolvimento de empatia através da discussão sobre diversidade sexual e de gênero, utilizando como recursos estudos de caso e depoimentos que ilustram as consequências da LGBTQIA+fobia. Como mostra o UNAIDS (2024), a educação sexual abrangente tem papel comprovado na prevenção da violência de gênero — redução que pode chegar a 40% em escolas com programas bem estruturados.

3. A abordagem interdisciplinar da SE (Boff; Hames; Frison, 2006) integra conhecimentos biológicos sobre hormônios e anatomia com análises sociológicas dos direitos LGBTQIA+ e discussões psicológicas sobre identidade e desenvolvimento sexual. Essa integração permite que os estudantes compreendam: a) como os hormônios estudados em Biologia (BNCC, 2018) fundamentam debates atuais sobre identidade de gênero; b) de que forma os conceitos psicológicos de desenvolvimento sexual (Erikson, 1976) se relacionam com as lutas por direitos reprodutivos; c) e por que a anatomia humana não pode ser usada para justificar visões essencialistas sobre papéis de gênero (Louro, 2000).

Nesse contexto, a escola assume o papel de agente ativo na produção de identidades normalizadas, reforçando oposições binárias como masculino/feminino ou heterossexual/homossexual, que funcionam como dispositivos de exclusão. Segundo Silva (2014), tais oposições não apenas dividem, mas hierarquizam, atribuindo valor positivo a um dos polos e relegando o outro à margem.

Essa abordagem alinhada às competências da BNCC (Brasil, 2018), desenvolve nos alunos a capacidade de analisar criticamente os discursos sobre sexualidade, reconhecendo tanto suas bases científicas quanto suas dimensões socioculturais — habilidade fundamental para o exercício da cidadania no século XXI.

Os resultados esperados da SE espelham os achados documentados pelo UNAIDS (2024) em diversos contextos internacionais: aumento de até 60% no uso de preservativos em alguns programas, redução em 30% da iniciação sexual precoce, e diminuição significativa nos casos de *bullying* LGBTfóbico. Esses impactos positivos reforçam o alinhamento da



proposta tanto com as competências gerais da BNCC (Brasil, 2018) quanto com os princípios de uma educação integral que promova o respeito aos direitos humanos e a saúde de forma ampla e inclusiva. A SE configura, portanto, como uma estratégia pedagógica promissora para enfrentar os desafios contemporâneos da educação sexual no Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A SE é uma estratégia pedagógica inovadora para a educação sexual no Ensino Médio, pois articula vivências estudantis, interdisciplinaridade e crítica social, conforme a BNCC. Fundamentada em Vygotsky e Freire, supera abordagens fragmentadas ao integrar dimensões biológicas, sociais e psicológicas da sexualidade, com respaldo em experiências internacionais (UNAIDS, 2024). Para ser efetiva, exige políticas de formação docente que enfrentem resistências culturais e lacunas no trato de temas como identidade de gênero e ISTs. Investimentos em capacitação e no diálogo com a comunidade escolar são essenciais à implementação crítica da proposta.

A SE pode ser replicada em outros temas urgentes, como saúde mental e prevenção ao uso de drogas, desde que mantenha seu caráter dialógico e interdisciplinar. Isso exige que a educação sexual vá além da informação técnica e questione os discursos que definem o “normal” e o “desviante”. Como aponta Silva (2014), afirmar identidades também implica traçar fronteiras de exclusão. Assim, uma pedagogia emancipadora deve enfrentar essas hierarquias e reconhecer que identidades hegemônicas se constroem pela exclusão. Em síntese, a proposta se mostra transformadora, desde que ancorada na formação docente e na participação comunitária, pilares de uma educação emancipatória (Freire, 1967).

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Direitos reprodutivos. Formação docente. BNCC. Juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Eva Teresinha de Oliveira; HAMES, Clarines; FRISON, Marli Dallagnol. **Alimentos:** produção e consumo. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção Situação de estudo: ciências no ensino fundamental).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular:** educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 30 jun. 2025.



BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde lança cartilha sobre educação sexual como política de transformação**. 2024. Disponível em:
<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/saude-lanca-cartilha-sobre-educacao-sexual-como-politica-de-transformacao>. Acesso em: 30 jun. 2025.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIPEC-UNIJUÍ. Geração e gerenciamento dos resíduos sólidos provenientes das atividades humanas. Ijuí: Unijuí, 2002. 60 p. (Coleção situação de estudo: ciências no ensino fundamental, 1).

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PAPODEHOMEM; INSTITUTO PDH (Produção). **O silêncio dos homens**. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Viabilização: Natura Homem & Reserva. Realização: Monstro Filmes. Brasil, 2019. 1 vídeo (1h 30min). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. 256 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

UNAIDS. **World AIDS Day Report 2024: Take the Rights Path to End AIDS**. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2024. Disponível em:
<https://www.unaids.org/en/resources/documents/2024/take-the-rights-path-to-end-aids>. Acesso em: 30 jun. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. 5th ed. London and New York: Routledge, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Comprehensive sexuality education**. 2023. Disponível em:
<https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/comprehensive-sexuality-education>. Acesso em: 30 jun. 2025.